

Padrões de formação de palavras em mirandês: processos derivacionais na formação de nomes eventivos e de qualidade na escrita de tipo acadêmico

Word formation patterns in Mirandese: derived event and quality nouns in academic discourse

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v5i2.26795>

Isabel Almeida Santos

Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. É doutorada em Linguística Portuguesa pela UC (2006). É membro integrado do Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada (CELGA-ILTEC) e tem desenvolvido investigação nas áreas da historiografia gramatical, relações entre codificação e processos de standardização, variação linguística e ensino / aprendizagem de PL2.

E-mail: imas@fl.uc.pt

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6276-4239>

Cristina Martins

Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. É doutorada em Linguística Aplicada pela UC (2004). Investiga nas áreas do bilinguismo e contacto de línguas, aquisição/aprendizagem de PL2, desenvolvimento metalinguístico, processamento psicolinguístico e avaliação neuropsicológica. Publicou vários estudos sobre a situação atual do mirandês e participou na comissão responsável pela *Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa* (1999).

E-mail: crismar@fl.uc.pt

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9335-6027>

Isabel Pereira

Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. É doutorada em Linguística Portuguesa pela UC (2000). Investiga nas áreas da fonologia e prosódia, morfologia, interface fonologia/morfologia, aquisição/aprendizagem de PL2, didática de língua materna. É coordenadora científica do Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada (CELGA-ILTEC) desde 2015.

E-mail: mipp@fl.uc.pt

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3553-366X>

RESUMO

A expansão do domínio do uso do mirandês incrementou a criação de léxico adequado a novas necessidades de expressão, nomeadamente no âmbito do discurso de pendor académico. A criação de produtos derivados assenta, por um lado, na utilização de constituintes morfológicos (bases e afixos) atestados na língua e, por outro, no recurso a modelos existentes no léxico português. A análise de um *corpus* de textos académicos, incidindo sobre o uso de nomes derivados eventivos e de qualidade, permitiu observar algumas tendências na geração desses produtos. Identificaram-se como afixos mais frequentes e produtivos *-mient(o)/-ment(o)* e *-(i/e/a)dad(e)*, nos eventivos e nos nomes de qualidade, respetivamente. Além disso, apesar de uma associação estável entre bases lexicais e afixos, observa-se uma variação alomórfica de bases, mas, sobretudo, dos sufixos. No *corpus* em análise não é possível definir claramente critérios morfofonológicos de distribuição dos alomorfos dos diversos sufixos. Os frequentes casos de alomorfia, porém, parecem constituir sintomas de um processo de standardização em curso, mas longe da estabilização.

Palavras-chave: Criação lexical. Processos derivacionais. Produtos nominais. Mirandês. Standardização linguística.

ABSTRACT

The expansion of the language domains in which Mirandese is currently used has created the demand for new words as to fulfill new expressive needs, namely in academic discourse. The creation of words through derivation has been achieved by manipulating attested Mirandese morphological bases and suffixes, or by simply taking corresponding Portuguese derived words as models. The main patterns used in generating these types of products were observed through the analysis of a corpus of academic texts, focusing on derived event and quality nouns. Results reveal *-mient(o)/-ment(o)* as the most productive suffix in generating Mirandese event nouns, and *-(i/e/a)dade* as the most productive suffix in generating quality nouns. A stable association between morphological bases and affixes was also observed, even if allomorphic variation does affect both of these morphological constituents, and especially suffixes. Item analysis did not unveil clear phonomorphological constraints governing the

distribution of the different suffix allomorphs. As such, allomorphy seems to be a symptom of the Mirandese standardization process still in progress, yet far from stabilization.

Keywords: Lexical creation. Derivation processes. Derived nouns. Mirandese language. Linguistic standardization.

Enquadramento

O mirandês está hoje longe de ser a língua do lar, do campo e do amor, como a descreveu Leite de Vasconcelos (1900 [1992], p. 12), tendo-se alterado profundamente, nas últimas duas décadas, o seu valor sócio-simbólico e o perfil dos seus utilizadores.

A estas alterações de *status* (decorrentes, se incorporarmos o modelo de Haugen (1987) de processos de *status planning*), correspondeu uma expansão de domínios de uso e, logo assim, a criação de léxico adequado às novas necessidades de expressão, que se tornam particularmente evidentes em textos escritos de pendor académico e sem intenções estético-literárias. O movimento de elaboração linguística que assim se desenvolve acompanha o projeto de standardização do mirandês, contribuindo para o que o mesmo autor, na análise dos processos de planificação linguística, designa por *corpus planning* (HAUGEN, 1987).

Partindo de um *corpus* constituído por textos originais de natureza académica, escritos por autores mirandeses com formação superior e publicados entre 2001 e 2009 (António Bárbolo Alves, com textos escritos entre 2006 e 2009 e publicados na coletânea *Semillos*, e Amadeu Ferreira, com textos escritos entre 2001 e 2005), proceder-se-á à análise dos produtos derivados por sufixação neles registados, pertencentes a duas subclasses de nomes, tipicamente heterocategoriais: os que denotam entidades de natureza eventiva¹ (deverbais² e tradicionalmente denominados *nominaactionis*) e aqueles que, tendo uma base predicativa (prototipicamente adjetival³), denotam entidades correspondentes a qualidades abstratas (frequentemente designados *nomina essendi* ou essivos).

Trata-se de duas subclasses nominais particularmente produtivas nos léxicos de especialidade, já que acolhem produtos resultantes de operações de nominalização que têm por objeto propriedades de entidades, por um lado, e processos, subprocessos e estados, por outro.

Sendo certo que os processos de formação de palavras mobilizados para a criação de produtos derivados em mirandês convocam constituintes morfológicos (bases e afixos) atestados nesta língua

¹ Postulamos que, tal como em português, o ‘evento’ “pode ser concebido e formatado de diferentes formas (no seu decurso, nos seus subeventos, na sua efetivação, na sua culminação), de acordo com o tipo de base e o sufixo presentes no produto.” (RIO-TORTO *et al.*, 2016, p.178).

² Neste trabalho, circunscrevemos a análise aos casos de nominalização eventiva deverbal, excluindo os nomes eventivos não deverbais (RESNICK, 2010) e casos de derivação não sufixal. Esta opção decorre do especial interesse que os sufixos envolvidos na criação destes produtos apresentam para a avaliação do grau de estabilidade da atividade genolexical da língua mirandesa; na verdade, e como se mostrará, sufixos como *-m(i)ento* e *-çon/-ción* evidenciam variação formal que importa caracterizar, neste momento da história do mirandês.

³ Mais raramente, um nome atributivamente considerado pode funcionar como base de uma operação derivacional deste tipo (RIO-TORTO, 1998, p. 104 e 122).

minoritária⁴, também o o é que o recurso aos modelos de produtos existentes no léxico português constitui como uma estratégia compensatória relevante para este efeito, especialmente nos domínios de uso não tradicionais. Na verdade, o mirandês e o português conviveram numa situação de diglossia estável durante muitos séculos, sendo que, nesse arranjo funcional de línguas, coube sempre ao português o papel de língua da ciência (MARTINS, 2005; MARTINS; SANTOS, 2015). Apenas muito recentemente, e já depois da publicação, em 1999, da *Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa* (BARROS; RAPOSO, 1999) e da entrada em vigor da lei 7/1999, que reconhece os direitos linguísticos da comunidade mirandesa, começaram a surgir os primeiros textos com pretensões académicas redigidos em mirandês. Nestas condições, o recurso aos modelos lexicais do português afigura-se como uma estratégia supletiva natural na escrita mirandesa.

Ainda assim, a integração do léxico importado tende a ser acompanhada de um processo de acomodação morfofonológica às características do mirandês (cf., por exemplo, o adjetivo relacional *lhenguístico*⁵, onde se regista graficamente a palatalização da lateral em início absoluto). Essa opção, assumida por quem escreve atualmente em mirandês, traduz uma “agenda” de valorização da língua minoritária: não sendo possível prescindir dos empréstimos lexicais, dispensa-se, no entanto, e sempre que possível, a sua forma original.

Não obstante a função vincadamente supletiva de uma considerável parte do léxico analisado no presente trabalho, já que recolhido em textos escritos representativos de um domínio de uso linguístico não tradicional do mirandês, não nos comprometeremos, ainda assim, com a certificação do carácter neológico dos produtos derivados que aqui trataremos. Cremos, aliás, que, no atual estado de desenvolvimento de recursos para o estudo linguístico do mirandês, não é possível determinar, com segurança, o estatuto neológico de um dado item lexical. Na verdade, para uma verificação desta natureza, falta ainda a organização e a disponibilização universal de um *corpus* de referência para o mirandês, reunindo as produções escritas em duas épocas distintas: uma correspondente ao período anterior a 1999, i.e., prévia à publicação da *Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa* e ao reconhecimento legislativo dos direitos linguísticos da comunidade mirandesa, e outra respeitante ao período posterior a esse ano⁶. Antes de 1999, a produção escrita era escassa e tematicamente restrita⁷.

⁴ Fazem parte dos afixos elencados, por exemplo, por Leite de Vasconcelos nos *Estudos de Philologia Mirandesa* duas unidades sufixais que os textos analisados neste trabalho igualmente permitem identificar. Referimo-nos a *-ança*, elemento constituinte do produto *comparança* e que, segundo Vasconcelos, pode aparecer sob a forma de *-ancia*, e a *-öü*, sufixo identificado nos derivados *rachöü* (de *rachar*), *sopröü* e *assopröü* (de *[as]soprar*), *chupöü* (de *chupar*), *fungöü* (de *fungar*) (VASCONCELOS, 1900, p. 459-460).

⁵ Esta é uma forma atestada quer em Ferreira (2003), quer em Alves (2006).

⁶ Pelo seu impacto, estes são dois eventos fundamentais no processo, em curso, de standardização do mirandês. Podemos, na verdade, seguindo o clássico modelo de Haugen (1987), considerar que o ato legislativo foi decisivo no domínio do *status planning*, contribuindo, de forma notória, para a expansão (*implementation process*) do idioma. Por outro lado, o trabalho codificatório, neste caso orientado para a normalização ortográfica, associa-se ao processo de elaboração no desenvolvimento do que também Haugen designa de *corpus planning* (MARTINS; SANTOS, 2015).

Depois de 1999, a produção escrita explodiu em termos quantitativos e alargou consideravelmente o seu escopo temático, sendo, portanto, a partir deste marco que se esperará um verdadeiro surto de neologismos⁸.

1. Metodologia

Para este trabalho, foi constituído um *corpus* de textos não literários e de pendor académico escritos por mirandeses com formação superior e que se destacam neste âmbito. Esses textos, apresentados por ordem de publicação, são os seguintes:

- FERREIRA, Amadeu. Modos de tratamento ne l mirandés de Sendin. **El Filandar/O Fiadeiro**, n. 13, p. 8-13, 2001. Disponível em: <https://studosmirandeses.blogs.sapo.pt/1764.html>;
- FERREIRA, Amadeu. Notas d'antroducion a la lhiteratura mirandesa. **Ianua**, n. 4, p. 97-113, 2003. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3732457>;
- FERREIRA, Amadeu. La 'amanita muscaria' i ls remanses "Veneno da Moriana": notas para uaperpuosta de nuobaleitura. **A Pantorra**, n. 4, p. 27-38, 2004a. Disponível em: <https://studosmirandeses.blogs.sapo.pt/4785.html>;

⁷ Este é, aliás, o assunto sobre o qual se debruça Ferreira (2003).

⁸ Meirinho (2016) recorre aos dicionários de mirandês-português disponíveis para determinar o carácter neológico dos itens lexicais tratados na sua investigação sobre formação de palavras em textos traduzidos para mirandês. Contudo, os dois dicionários existentes (PIRES, 2004; FERREIRA; FERREIRA, sd) também são posteriores a 1999, não sendo sempre conhecidos ou, pelo menos, claros os métodos usados para recenseamento dos itens lexicais neles incluídos.

Pires (2004, p. VII-X) revela, por exemplo, que no seu *Pequeno Vocabulário Mirandês-Português* figuram “todos os vocábulos mirandeses que (...) foram aflorando à memória”. O autor esclarece ainda que recorreu a outras fontes com vista a “estimular tal afloramento”, i.e., a outros informantes mirandeses (de S. Martinho e de Ifanes) e a um acervo de textos da autoria de Leite de Vasconcelos, Abade de Baçal, António Mourinho, Manuel José Alves Preto, José Francisco Fernandes, António Bárbole Alves e Marcolino Fernandes. Na apresentação dos critérios de seleção dos itens a incluir na obra, esclarece que o objetivo foi “elencar as palavras tipicamente mirandesas, bem como aquelas que, pela semântica, morfologia ou fonética, divergem das correspondentes palavras portuguesas. (...) Consequentemente, a generalidade das palavras que se identificam com as portuguesas, tanto na grafia como no significado, foram propositadamente excluídas deste vocabulário, assim como também muitas outras pertencentes à família das palavras elencadas”. Cremos que, nestas condições, não é possível recorrer à obra para determinar o carácter neológico de um dado item lexical em mirandês, sobretudo nos casos em que apresenta coincidência formal e semântica com o seu correlato em português.

Relativamente ao *Dicionário de Mirandês-Português* de Amadeu Ferreira e José Pedro Cardona Ferreira (FERREIRA; FERREIRA, sd.) não são explicitados os critérios que orientaram a recolha dos dados.

- FERREIRA, Amadeu. La cidade de Miranda de l Douro i la lhéngua mirandesa. **El Filandar/O Fiadeiro**, n. 15, p. 19-24, 2004b. Disponível em: <https://studosmirandeses.blogs.sapo.pt/1823.html>;
- FERREIRA, Amadeu . L regalengo de Palaçolone l seclo XII. (Studo de toponímia mediabal i de stória de la lhéngua mirandesa). **Brigantia**, n. 25, p. 33-72, 2005;
- ALVES, António B. "La lhéngua mirandesa: ancruzelhadas i caminos de l último seclo", Trabalho apresentado em Ramón Menéndez Pidal y el dialecto leonés, In **Ramón Menéndez Pidal y el dialecto leonés (1906-2006)**, Leon: 2006.
- ALVES, António B. Llhionés no seclo XXI: alguas cunsideraçones i anterrogaçones a propósito de l mirandés. Trabalho apresentado em El leonés en el siglo XXX. In: **El leonés en el siglo XXI (un romance milenario ante el reto de su normalización)**, León: 2006.

Nestes textos foram recolhidos, como já referimos, todos os nomes eventivos deverbais e todos os nomes de qualidade que são produtos de derivação sufixal. Os nomes eventivos selecionados são parafraseáveis por ‘o facto de X’, i.e., ‘ação, processo, estado (decorrente) de X’, sendo X uma base verbal (RIO-TORTO, 1998, p. 103); já os nomes de qualidade são parafraseáveis por ‘o facto de ser Y’ ou ‘propriedade / qualidade de ser Y’, sendo Y a propriedade / qualidade de uma base predicativa (RIO-TORTO, 1998, p. 122)⁹. Assim, os critérios de seleção dos dados a analisar contemplam, cumulativamente, aspetos formais (a categoria da base e o tipo de afixo) e critérios semânticos (a natureza da paráfrase aplicável ao produto). Concretamente, foram considerados nomes eventivos deverbais e nomes de qualidade tipicamente deadjetivais.

Da aplicação cumulativa dos critérios apresentados, resulta a exclusão, por exemplo, dos nomes que:

⁹ Os processos formais (morfológicos) e semânticos aqui envolvidos definem, segundo Rio-Torto (1998), diferenciadas regras de formação de palavras (RFP). Nestes casos, atuam a RFP ACT (da qual resultam *nomina actionis*) e a RFP ESSIV (da qual resultam os nomes que esta autora designa de “essivos”).

Não obstante a componente semântica definitória de uma e outra RFP, Rio-Torto (RIO-TORTO, 1998, p. 119-120 e 122-123) chama a atenção para o facto de ser possível gerar, tanto na RFP ACT como na RFP ESSIV, produtos que adquirem especificações semânticas que os afastam dos valores prototípicos plasmados nas paráfrases enunciadas. Assim, e face à necessidade de circunscrever a análise, optou-se, neste trabalho, por prescindir do conceito de RFP, sem, no entanto, deixar de considerar, para a seleção dos dados, critérios formais (relacionados com a natureza da base e do afixo) e critérios semânticos (considerando as referidas relações de significado entre os constituintes morfológicos e o valor semântico do produto).

- permitindo uma leitura eventiva, são gerados por processos de formação de palavras não sufixais, já que este estudo se circunscreve aos produtos de processos derivacionais aditivos;
- os que, apresentando as propriedades formais adequadas, manifestam características semânticas que os afastam dos valores prototípicos dos produtos em estudo. Esse é o caso, por exemplo, de *arqueologie* ou *eipistimologie*, produtos de composição morfológica em que o sufixo *-ie* ocorre associado a uma base potencialmente interpretável como predicativa, mas que denotam uma atividade ou um sistema científico e não propriedades abstratas parafraseáveis por ‘o facto de ser Y’ ou ‘propriedade / qualidade de ser Y’;
- incluem um elemento que, não obstante a sua coincidência formal com um sufixo produtivo do mirandês, não se encontra associado a um constituinte passível de ser interpretado como base morfológica nesta língua, dada a ausência das características formais adequadas (ex. *daprendizaige*; *afleçon*¹⁰).

Foram, por outro lado, incluídos no estudo nomes cujos radicais, sendo produtivos em mirandês (na medida em que se encontram disponíveis para outros processos derivacionais, reaparecendo noutros tipos de produtos), se combinam, no entanto, sempre e obrigatoriamente com um sufixo derivacional, nunca ocorrendo como base à qual se possam associar constituintes temáticos e sufixos de flexão (ex. *eidêntidade*¹¹). Abster-nos-emos, nestes casos, de atribuir uma categoria morfossintática à base, apresentando-a como ‘sem categoria’.

Os produtos selecionados foram, depois, analisados tendo em conta o tipo de constituinte morfológico passível de preencher a base (radical ou tema) e, também, em função da identidade formal e das características semânticas do operador sufixal.

2. Resultados e discussão

Do conjunto de formas recolhidas, foi possível identificar as combinações de bases e sufixos que se apresentam no Quadro 1.

¹⁰ Nestas formas, os segmentos *daprendiz-* e *afle-* não correspondem nem a temas nem a radicais verbais, não se apresentando, portanto, como um constituinte morfológico passível de funcionar como base de um processo derivacional.

¹¹ Veja-se, por exemplo, que *eidêntico*, no qual se reconhece o radical comum a *eidêntidade*, é um adjetivo relacional atestado em mirandês (cf. texto da coluna de opinião *La Pruma Braba*, no semanário regional *Mensageiro de Bragança*, escrito por António Bárbolo Alves e disponível em: <https://www.mdb.pt/opiniao/antonio-barbolo-alves/la-pruma-braba-29>).

Quadro 1 - Constituinte da base e tipo de sufixo.

	Bases	Sufixos	Atestações
Nomes eventivos	radicais verbais	-aig(e) ¹²	<i>pass-aig(e)</i>
	temas verbais participiais	-çon/-cion ¹³	<i>acumpara-çon/marca-cion</i>
		-mient(o)/-ment(o)	<i>cruza-mient(o)/coinciment(o)</i> ¹⁴
	temas verbais do presente	-nç(a)/-nci(a)	<i>abunda-nç(a)/amportánci(a)</i>
	radicais verbais (frequentemente alomórficos)	-on/-ion	<i>agab-on(es)</i> ¹⁵ / <i>oun-ion</i> ¹⁶
Nomes de qualidade	radicais adjetivais	-idon	<i>scur-idon</i>
		-eç ¹⁷	<i>belh-eç</i>
	radicais adjetivais (menos frequentemente nominais)	-i(e)	<i>luzofon-i(e)</i> <i>outor-i(e)</i>
	radicais adjetivais (menos frequentemente nominais ou 'sem categoria')	-(i/e/a)dad(e)	<i>antegu-idad(e)/eigualdad(e)</i> <i>ounibers-idad(e)</i> <i>curj-idad(e)</i> <i>bari-adad(e)</i>
		-ism(o)	<i>crestianism(o)</i>
	radicais adjetivais (menos frequentemente 'sem categoria')	-ez(a)	<i>grand-ez(a)</i> <i>natur-ez(a)</i>
radicais adjetivais (ou outros predicativos)	-ur(a)	<i>spess-ur(a)</i> <i>lunj-ur(a)</i>	

Fonte: Elaboração própria.

¹² Confirmando o tipo de constituinte que funciona como base selecionada por este sufixo, encontra-se atestada, por exemplo, a forma *molaige* (cf. *Dicionário de Mirandês-Português*), produto cuja base é preenchida pelo radical do verbo, lema igualmente atestado na referida fonte, *moler*). Também em português a existência do derivado *moagem* apoia a interpretação de que o afixo equivalente assume a forma -agem e não -gem e que, portanto, a base é um radical e não um tema verbal (RIO-TORTO *et al.*, 2016, p. 177).

¹³ Validando a natureza participial do tema verbal que funciona como base selecionada por este sufixo, encontram-se atestadas, por exemplo, as formas *rendiçon* (https://mwl.wikipedia.org/wiki/Carlos_Trincheiras) e *perdiçon* (cf. *Dicionário de Mirandês-Português*).

¹⁴ No *Dicionário de Mirandês-Português* surge atestada a forma *coincer*.

¹⁵ No *Dicionário de Mirandês-Português* surge atestada a forma *agabar*.

¹⁶ No *Dicionário de Mirandês-Português* surge atestada a forma *ounir*.

¹⁷ Atestam a vitalidade deste afixo, por exemplo, a forma *menineç*, registada no *Dicionário de Mirandês-Português*, e nomes como *biudeç* e *madureç*, registados tanto por Bautista (2013, p. 223) como por Meirinho (2016, p. 69). No conjunto dos afixos mirandeses, -eç é, mesmo, apresentado por Bautista (2013, p. 222) como um sufixo "muito produtivo".

Em mirandês, coexistem como operadores de nomes de qualidade, associando-se a bases predicativas, -eç (equivalente a -ez em português [MEIRINHO, 2016, p. 69]), -ez(a) e -ic(e). No nosso *corpus* estão atestadas várias ocorrências (17, correspondendo a 9 lemas diferentes) do operador -ez(a). Nesse mesmo acervo, não há registos de -ic(e), mas produtos com esse sufixo, tais como *boubicee fanfarronice*, foram atestados, por exemplo, por Bautista (2013, p. 226).

Note-se que em português, e segundo Correia (2004, p. 300-301 e 317-318), estes são três sufixos etimologicamente aparentados.

Nos nossos dados observa-se, em primeiro lugar, a clara tendência para a associação estável entre uma determinada base lexical e um operador sufixal específico, gerador do produto nominal, eventivo ou de qualidade. Registaram-se, no entanto, casos em que uma mesma base lexical seleciona diferentes sufixos que intervêm na formação de produtos equiparáveis, potencialmente concorrentes e, por isso, vulneráveis a processos de individualização: vejam-se os casos de *acumpança/acumpançon*; *grandeza/grandura* ou *ruralidade/ruralismo*.

Nos quadros 2 e 3, quantificam-se os dados recolhidos, tendo em consideração distintos parâmetros com interesse para uma avaliação da produtividade relativa dos sufixos que participam nos processos derivacionais em análise. Os parâmetros a considerar são: (i) o número total de ocorrências de cada operador sufixal no *corpus*, (ii) o número de produtos (lemas) distintos, presentes no *corpus*, a que cada operador deu origem e (iii) o número médio de ocorrências por produto, i.e., o rácio *type: token*.

Quadro 2 - Nomes eventivos.

Sufixo	Número de ocorrências/ <i>tokens</i> no <i>corpus</i>	Número de produtos (lemas) / <i>types</i> no <i>corpus</i>	Rácio <i>type: token</i>
-çon/-cion	287 ¹⁸	84	1: 3,42
-mient(o)/-ment(o)	200	39	1: 5,13
-nç(a)/-nci(a)	116	31	1: 3,74
-on/-ion	48	11	1: 4,36
-aig(e)	13	2	1: 6,50
Total	664	167	

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 3 - Nomes de qualidade.

Sufixo	Número de ocorrências/ <i>tokens</i> no <i>corpus</i>	Número de produtos (lemas)/ <i>types</i> no <i>corpus</i>	Rácio <i>type: token</i>
-(i/e/a)dad(e)	162	56	1: 2,89
-ism(o)	27	17	1: 1,59
-i(e)	22	7	1: 3,14
-ez(a)	17	9	1: 1,89

¹⁸ Foi, aqui, contabilizada uma ocorrência com a forma -ção deste sufixo. Trata-se do caso de *situação*, forma registada em Ferreira (2005, p. 44, n. 26). Contudo, e dado que se trata de uma forma claramente portuguesa, que contrasta com várias formas mirandesas do lema *situaçon*, recensadas quer em Ferreira (2004b), quer em Alves (2006, 2009), ou *situacion*, atestadas em Ferreira (2001, 2004b, 2005), esta ocorrência não foi considerada nos quadros 4 e 6 respeitantes às situações de alomorfa deste operador sufixal.

-ur(a)	14	8	1: 1,75
-idon	2	2	1: 1
-eç	1	1	1: 1
Total	245	100	

Fonte: Elaboração própria.

A contabilização do número de produtos (lemas) diferentes, por um lado, e do número total das ocorrências desses mesmos produtos, por outro, permite observar facetas distintas da produtividade sufixal. Assim, enquanto a capacidade de cada operador para gerar distintos produtos lexicais se afere pelo número de lemas/*types*, a frequência absoluta de cada sufixo no *corpus* é observável através do número total de ocorrências/*tokens*. Já o número de produtos (*types*) diferentes face ao número total de ocorrências (*tokens*) nos permite avaliar o grau de frequência média dos produtos formados com cada sufixo.

À luz dos dois primeiros parâmetros, a hierarquização dos sufixos é praticamente idêntica. A observação do quadro 2 torna claro que os operadores-çon/-cion, -mient(o)/-ment(o) e -nç(a)/-nci(a) são, por ordem decrescente de expressão numérica, não só os que mais frequentemente ocorrem nos nomes eventivos do *corpus*, como são os que geram mais produtos lexicais distintos desta categoria. Considerando qualquer um destes dois parâmetros, também fica clara, no quadro 3, a destacada produtividade de -(i/e/a)dad(e) face a qualquer outro operador que participa na formação nomes de qualidade em mirandês.

Já a análise do rácio *type: token* permite observar a produtividade dos sufixos atendendo aos valores médios de ocorrência dos lemas que os integram. A observação dos dados nesta perspetiva origina uma hierarquia de produtividade relativa diferente das anteriores. Deste modo, no quadro dos nomes eventivos, surge agora -aig(e) como o operador mais produtivo, seguido de -mient(o)/-ment(o) e de -on/-ion. No quadro dos nomes de qualidade, e segundo este critério, -i(e) revela-se como o sufixo mais produtivo, sendo imediatamente seguido de -(i/e/a)dad(e).

Dito isto, e considerando, em conjunto, os resultados decorrentes da aplicação dos 3 parâmetros, a análise dos dados do *corpus* permite identificar -mient(o)/-ment(o) e -(i/e/a)dad(e) como os operadores sufixais mais produtivos, em mirandês, na formação de nomes eventivos e de qualidade, respetivamente.

Decorrente do seu elevado grau de produtividade (e, portanto, de uso) nos textos do *corpus*, estes dois operadores, a par de -çon/-cion, -nç(a)/-nci(a) e -on/-ion, apresentam, para além do mais, um grau de variação alomórfica igualmente relevante, tal como já antecipado nos quadros 2 e 3.

O modo como se distribuem as variantes alomórficas dos operadores sufixais sujeitos a este fenómeno é evidenciado nos quadros 4 e 5. Nestes quadros foram contabilizados os casos de alomorfia

que exibem, nos dados do *corpus*, uma clara distribuição funcional das variantes sufixais por lema, i.e., em que, em todas as ocorrências de um dado lema, surge sempre a mesma variante alomórfica do sufixo (ver, por exemplo, *administraçon/admenistraçon* – 3 ocorrências – e *donacion* – 9 ocorrências).

Admitindo a possibilidade de haver, nesta distribuição funcional de morfos sufixais, algum condicionamento morfofonológico, a verdade é que os dados aqui tratados não permitem identificá-lo. Nos casos em que as bases são temas, participiais (base exigida por *-çon/-cion*; *-ment(o)/-mient(o)*) ou do presente (base exigida por *-nç(a)/-nci(a)*), não se observa condicionamento fonológico (de natureza segmental ou prosódica) na seleção do alomorfo. Na verdade, em qualquer caso, o sufixo associa-se a uma base terminada em unidade vocálica (correspondente à vogal temática) e não há qualquer especificidade acentual a assinalar. Já numa perspetiva morfológica, e ressaltando o caráter limitado das ocorrências inventariadas, podemos apenas assinalar a associação preferencial (mas não exclusiva¹⁹) do alomorfo *-nça* a bases verbais da 1.^a conjugação, contrastando com a claramente indiferenciada associação de *-ncia* a temas verbais das 3 conjugações. Finalmente, os 11 lemas cujas ocorrências atestam o uso de *-on/-ion*, operador associado a radicais verbais, não nos permitem reconhecer, com segurança, condicionamentos formais na seleção dos alomorfos. Observa-se, no entanto, e não deixando de notar o número limitado de ocorrências, uma preferência de *-on* por radicais terminados em sibilante (ex: *çcusson*, *eilusones*).

Quadro 4 - Alomorfia de operadores sufixais de nomes eventivos.

Alomorfo	Número de ocorrências/ <i>tokens</i> no <i>corpus</i>	Número de produtos (lemas) <i>/ types</i> no <i>corpus</i>	Alomorfo	Número de ocorrências/ <i>tokens</i> no <i>corpus</i>	Número de produtos (lemas) / <i>types</i> no <i>corpus</i>
<i>-çon</i>	191	76	<i>-cion</i>	25	3
<i>-mient(o)</i>	85	29	<i>-ment(o)</i>	7	6
<i>-nç(a)</i>	26	9	<i>-nci(a)</i>	59	19
<i>-on</i>	21	8	<i>-ion</i>	15	2

Fonte: Elaboração própria.

¹⁹ Esse alomorfo surge também atestado em duas ocorrências com bases verbais da 2.^a conjugação: *nacença* e *pareença* (ALVES, 2006).

Quadro 5 – Alomorfia do operador sufixal-(i/e/a)dad(e)²⁰.

Alomorfo	Número de ocorrências/ <i>tokens</i> no <i>corpus</i>	Número de produtos (lemas) / <i>types</i> no <i>corpus</i>
-idad(e)	141	50
-adad(e)	2	1
-dad(e)	8	4
Total	151	55

Fonte: Elaboração própria.

Estes casos distinguem-se de outros que se caracterizam pelo facto de uma mesma base surgir associada a diferentes formas do morfema sufixal. Nestes últimos, recenseados no quadro 6, a variação observada não é resultado de qualquer processo fonológico nem é determinada por qualquer condicionamento morfológico (cf. casos como *amportância/amportança* ou *formaçon/formacion*) (cf. Quadro 6). Trata-se, isso sim, de um reflexo da instabilidade dos produtos que são formados por estes processos genolexicais e cuja função é supletiva relativamente ao léxico tradicional mirandês. Essa mesma instabilidade transparece ainda na flutuação gráfica que, afetando mais frequentemente as bases, também é visível no operador sufixal (veja-se o caso de *abordaije/abordaige*).

Quadro 6 – Casos de alomorfia sufixal com manutenção da base (formas atestadas).

Alomorfo	Número de ocorrências/ <i>tokens</i> no <i>corpus</i>	Alomorfo	Número de ocorrências/ <i>tokens</i> no <i>corpus</i>	Total
-ÇON		-CION		
formaçon	6	formacion	1	7
ouraçon	1	ouraciones	4	5
publicaçõn	14	publicacion	2	16
situaçõn	13	situacion	20	33
splicaçõn	8	splicaciones	1	9
Total	42	Total	28	70
-MENT(O)		-MIENT(O)		
coincimento	1	coicimiento/coincimiento	12	13
casamento	1	casamiento	4	5
tratamento	78	tratamiento/tramiento	10	88
eisolamento	1	eizolamiento	1	2
Total	81	Total	27	0

²⁰ Os casos registados com o alomorfo -edad(e) dizem respeito ao lema *bariidade* (correspondendo a *variedade* em português) que revelam, assim, instabilidade morfológica. Serão, assim, contabilizados no quadro seguinte (quadro 6), no qual tais casos foram coligidos e contabilizados. Nesse mesmo quadro, observa-se que a forma *bariidadeé* a mais frequente, sendo, por isso, tomada aqui como a forma do lema. Também no *Dicionário de Mirandês-Português* é essa a forma lematizada.

-NÇ(A)		-NCI(A)		
abundança	1	abundância	3	4
amportança	11	amportância/amportância	7	18
anfluência/anfluência	4	anfluência	5	9
Total	16	Total	15	31
-ON		-ION		
berson	10	bercion	2	12
Total	10	Total	2	12
-EDAD(E)		-ADAD(E)		
bariedades	2	bariidade	9	11
	2		9	11

Fonte: Elaboração própria.

Como já antecipámos, o constituinte morfológico que preenche a base dos produtos analisados exhibe igualmente e com alguma frequência situações de alomorfia (estruturas fonológicas não coincidentes, quer no plano segmental, quer no plano silábico) e / ou de oscilação gráfica²¹. Casos deste tipo são, por exemplo, os de *antiguidade/antiyidade*; *coicimiento/coincimiento*; *çconhecimiento/çcoicimiento*; *eijistência/eisistência/existência*; *lonjural/lonjura*; *possibilidade/possebelidade/possibilidade*; *meiorie/maiorie*; *prossimidade/prosseimidade*; *quemunidade/comunidade*; *representaçom/repersentaçones*; *amportância/amportância*; *anfluência/anfluência*.

Tanto os casos de alomorfia como os de estrita variação gráfica são evidentes sintomas de um processo de standardização não consumado e longe da estabilização. É particularmente revelador desta situação o facto de formas alternativas como as referidas serem utilizadas pelo mesmo autor, por vezes, ao longo do mesmo texto.

Considerações finais

O estudo de um *corpus* de textos de pendor académico escritos em mirandês por dois autores com formação superior já depois da publicação da *Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa* e da Lei 7/1999, que reconhece os direitos linguísticos da comunidade mirandesa em Portugal, permitiu o levantamento de produtos derivados pertencentes a duas categorias: nomes de evento e nomes de qualidade. Estas categorias têm especial interesse para o estudo dos processos de renovação lexical em mirandês na medida em que se adequam à criação de linguagem de especialidade académica, pela nominalização de propriedades de objetos, por um lado, e processos, subprocessos e estados, por outro.

²¹ Na ausência de dados orais que permitam confirmar algumas hipóteses, torna-se por vezes complexo distinguir casos de alomorfia de casos de simples oscilação gráfica (cf. casos de *realidade/rialidade*; *lonjural/lonjura* ou *çcussones/çcuçones*).

Tendo em consideração três critérios de avaliação da produtividade sufixal (número de ocorrência dos produtos relevantes – *tokens*– número de produtos / lemas – *types* – e o rácio –*type: token*), a análise dos nomes recenseados permitiu identificar –mient(o)/-ment(o) e -(i/e/a)dade como os operadores sufixais mais produtivos. Enquanto o primeiro participa na produção de nomes eventivos deverbais, o segundo agrega-se a bases predicativas para formar nomes de qualidade.

Observou-se ainda uma considerável estabilidade na associação entre bases e sufixos, tendo-se, no entanto, registado um número relevante de casos de alomorfia, afetando quer bases, quer operadores sufixais. São, aliás, estas últimas unidades morfológicas aquelas que se mostram mais vulneráveis ao fenómeno de variação. Não tendo observado claras constricções fonomorfológicas na origem dos casos de alomorfia, concluiu-se que a variação alomórfica é acima de tudo, um sintoma do processo de standardização do mirandês ainda em curso e algo distante da estabilização.

Referências bibliográficas

- ALVES, António B. "La lhéngua mirandesa: ancruzelhadas i caminos de l último seclo", Trabalho apresentado em Ramón Menéndez Pidal y el dialecto leonés, In: **Ramón Menéndez Pidal y el dialecto leonés (1906-2006)**, Leon: 2006.
- ALVES, António B. L lhionés no seclo XXI: alguas cunsideraçones i anterrogaçones a propósito de l mirandés. Trabalho apresentado em El leonés en el siglo XXX. In: **El leonés en el siglo XXI (un romance milenario ante el reto de su normalización)**, León: 2006.
- BAUTISTA, Alberto Gómez. **El mirandês. Contexto y procesos de formación de palabras.** Tesis (Doctorado en Filología Románica). Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2013.
- CORREIA, Margarita. **Denominação e construção de palavras.** Lisboa: Edições Colibri, 2004.
- FERREIRA, Amadeu. Modos de tratamento ne l mirandés de Sendin. **El Filandar/O Fiadeiro**, n. 13, p. 8-13, 2001. Disponível em: <https://studosmirandeses.blogs.sapo.pt/1764.html>. Acesso em: 8 de jan. de 2018.
- FERREIRA, Amadeu. Notas d'antroucion a la lhiteratura mirandesa. **Ianua**, n. 4, p. 97-113, 2003. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3732457>. Acesso em: 8 de jan. de 2018.
- FERREIRA, Amadeu. La 'amanita muscaria' i ls remanses "Veneno da Moriana": notas para ua perpuosta de nuoba lheitura. **A Pantorra**, n. 4, p. 27-38, 2004a. Disponível em: <https://studosmirandeses.blogs.sapo.pt/4785.html>. Acesso em: 8 de jan. de 2018.
- FERREIRA, Amadeu. La cidade de Miranda de l Douro i la lhéngua mirandesa. **El Filandar/O Fiadeiro**, n. 15, p. 19-24, 2004b. Disponível em: <https://studosmirandeses.blogs.sapo.pt/1823.html>. Acesso em: 8 de jan. de 2018.
- FERREIRA, Amadeu. L regalengo de Palaçolone l seclo XII. (Studo de toponímia mediabal i de stória de la lhéngua mirandesa). **Brigantia**, n. 25, p. 33-72, 2005.
- FERREIRA, Amadeu; FERREIRA, José Pedro Cardona. **Dicionário - Dicionário da língua mirandesa**, (sd). Disponível em: <http://www.miradadodouro.com/dicionario/traducao-mirandes-portugues>. Acesso em: 8 de jan. de 2018.
- FERREIRA, Manuela Barros; RAPOSO, Domingos (Coord.). **Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa.** Miranda do Douro/Lisboa: Câmara Municipal de Miranda do Douro/CLUL, 1999.
- HAUGEN, Einar. Language Planning. In: AMMON, Ulrich *et al.* (Ed.). **Sociolinguistics**. vol 1. Berlin/New York: De Gruyter, 1987, p. 626-637.
- MARTINS, Cristina. O processo de normativização do mirandês. In: SINNER, Carsten (Ed.). **Norm und Normkonflikte in der Romania.** München: Peniope, 2005, p. 39-58.

- MARTINS, Cristina; SANTOS, Isabel A. Standardising Mirandese: processes and challenges. In: AMMON, Ulrich *et al.* (Ed.). **Sociolinguistica. Internationales Jahrbuch für europäische Soziolinguistik**, vol. 29 (Die Standardisierung von Minderheitensprachen). Berlin: De Gruyter, p.141-156, 2015.
- MEIRINHO, Conceição. **A Influência da Tradução na Renovação Lexical do Mirandês**. Dissertação (Mestrado em Tradução). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança, Bragança, 2016.
- PIRES, Moisés. **Pequeno vocabulário Mirandês-Português**. Miranda do Douro: Câmara Municipal, 2004.
- RESNIK, Gabriela. **Los nombreeventivos no deverbales en español**. Tesis (Doctorado en Ciencias del Lenguaje). Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 2010.
- RIO-TORTO, Graça. **Morfologia derivacional**. Teoria e aplicação ao português. Porto: Porto Editora, 1998.
- RIO-TORTO, Graça *et al.* **Gramática derivacional do português**, 2.^a ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016.
- VASCONCELOS, José Leite de. **Estudos de philologia mirandesa**, vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional, (1900 [1992]).